

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECCÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

ETHNOLOGICO DO DR. LEITE DE VAS
BIBLIOTECA
LISBOA
SOTERIO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

IX ANNO

JANEIRO E FEVEREIRO DE 1904

N.º 1 E 2

Fibulas e fivelas

I

Fibula romana

Mogadouro

O zeloso Director do Museu Ethnologico Português facilitou-nos — com penhorante gentileza — o estudo, num desenho, da fibula de prata representada sob dois aspectos na gravura junta, fig. A. O original, que não vi, está archivado naquelle estabelecimento educativo; e bem pode dizer-se aquisição de muito interesse e valia¹. Não porque revele um typo local, inedito, ou documente uma influencia civilizadora que não se houvesse ainda assinallado por outros caracteristicos; menos porque tenha particular destaque na serie conhecida, por accidentes decorativos de notavel originalidade, ou date com precisão rigorosa um estadio da cultura de que procede: mas porque é o primeiro modelo do Norte que se collige manufacturado em um metal nobre, e ainda porque afflue a confirmar o facto já vislumbrado de que a região transmontana foi em tempos antepassados o centro de uma população magnificente, com manifesta predilecção pelos enfeites artisticos e caros.

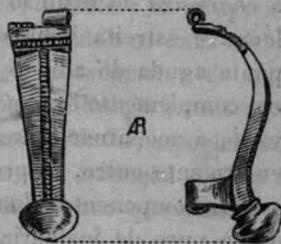


Fig. A — Do conelho de Mogadouro

¹ [Este objecto foi generosamente enviado para o Museu pelo Sr. Capitão Celestino Beça, collaborador d-*O Archeologo Português*, e a quem o Museu deve tambem a posse de outros importantes monumentos archeologicos. = *J. L. de V.*]

Sobrio na ornamentação que se restringe ao *arco* e ao *pé*, o bello specime exhibe no entanto pureza de linhas e accentuado cunho de elegancia; não ficaria mal pregado na *palla* de matrona romana em villegiatura pela provincia ou no *sagum* de algum callaico rico, já romanizado, mesmo no *palludamentum* de legionario em serviço. Se lhe fallecem, a opulentar-lhe os contornos, as filigranas e granulações, o esmalte e a incrustação, as pedrarias, os pingentes, o ambar, o coral, o marfim, o osso, as contas variegadas, os diversos elementos ornamentaes, emfim, que a fantasia punha ao serviço da vaidade, — o aspecto gracil e de leveza accusa boa escola e a florescencia da arte italica.

Pela inspecção dos desenhos — perfil e projecção orthogonal do velho alfinete de segurança — apuram-se-lhe facilmente os componentes architectonicos, a que em rigor só falta o *fusilhão* ou *alfinete*, perdido accidentalmente, desfeito acaso pelas perniciosas condições geologicas e climatericas da região da jazida, como é frequente acontecer por serem estas peças construidas ordinariamente de bronze ou de ferro, mesmo nos exemplares de ouro e de prata. A destruição parcial da *femea* da *charneira* não difficulta de resto a reconstituição geral do instrumento. A linha e a secção triangular do *arco* incluem-no em o grupo densissimo das fibulas *ad arco semplice*, com o *pé* curto finalizando em botão terminal, conico, de mero enfeite; e a *cabeça* que sustenta a *charneira* do fusilhão desaparecido. Pendente do pé o *descanso*, em longa e estreita lamina recurvada no extremo inferior, a offerecer á ponta aguda do alfinete uma *goteira* perservativa e retentora. Apenas em complemento ornamental, na linha media do arco — um cordão gravado, a accentuar a aresta dos dois planos do extradorso; e perpendicularmente outro, já proximo da cabeça da fibula.

Os componentes dominantes caracterizam, pois, decisivos um producto puro de joalheria romana, sem indicio de degeneração. Facil é encontrar nos trabalhos de colleccionação similes com que se irmane o exemplar descripto¹.

Não é para aqui averiguar-lhe a ascendencia controversa; a da familia numerosa, em que pelo seu character geral se filia, tem sido attribuida ás fibulas da Tène, mesmo ás de Certosa. Caberia antes determinar-lhe a chronologia; mas essa, á mingua de accidentes bem especificos, só pode indicar-se com ampla latitude, referindo-a á do

¹ O. Montelius, *La civilisation primitive en Italie depuis l'introduction des métaux*, 1^{re} partie, Stockholm, 1895, pl. xiii, fig. 180, 183, 184 e 185.

periodo subsequente á conquista romana. Maior precisão deveria talvez dimanar do estudo das condições de jazida, infelizmente desconhecidas, e poderá decorrer do aspecto dos objectos de prata encontrados no mesmo deposito archeologico, segundo o informe do Dr. Leite de Vasconcellos.

Entretanto a mais approximada determinação chronologica do typo não teria interesse privativo para nós: o exemplar não é indigena, foi manifestamente importado, entra na serie de adornos multiplices, com que os dominadores tentavam nos *emporía* a cubiça ingenua dos habitantes das *cividades*.

II

A antiga fivela circular do Norte

A nota presente abrange apenas a fivela dos castros e das estações archeologicas do Norte, romanas ou simplesmente romanizadas, na fórma mais vulgar figurada nas subseqüentes gravuras illustrativas do texto. Excluo por agora do estudo outros typos do mesmo instrumento, menos communs e mais artisticos, como o do castro de Argozelo, archivado no museu de Bragança¹, e o da Pedrulha, guardado no museu municipal da Figueira da Foz².

Na indagação da typologia das fibulas castrejas depara-se-nos indefectivelmente o problema previo da classificação do modesto artefacto. É que por vezes a litteratura scientifica incluiu-o no grupo interessantissimo dos *alfinetes de segurança*, identificando as duzas series e conferindo-lhes indistintamente a qualidade representativa de meros episodios morphologicos de um architypo. Na attribuição manifesta de prestimo igual, designou-as com o mesmo nome—*fibulas*, especializando as fivelas com o qualificativo de—*annulares*, por attenção ao desenho de uma das peças organicas³. Antes de tudo parece que a estes instrumentos não se adapta bem a classificação.

É realmente com a *fibula annular* que a fivela archaica dos nossos castros tem alguma afinidade formal; mas o confronto detido dos exemplares de cada uma das especies aparta-as estruturalmente, apu-

¹ O Archeologo Português, t. iv, «Museu Municipal de Bragança» por A. Lopo, pag. 97, fig. 7.

² Portugalia, t. i, «Estação luso-romana da Pedrulha», por A. Santos Rocha, pag. 595, fig. 4.^a

³ E. Cartailhac, *Agés Préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*, Paris, pag. 277 e sqq. Cfr. *Compte rendu du Congrès international d'anthropologie et archéologie préhistorique*, Lisbonne, 1884, pag. 657 e sqq., pl. ii, fig. 8.^a

rando poucos aspectos communs e esses sem importancia decisiva. (Fig. 1.^a e 2.^a). Só conheço por emquanto do Norte de Portugal um modelo da primeira, que é relativamente frequente no resto da peninsula como decorre de trabalhos litterarios que a assinalam, e do exame do grupo valioso de fibulas que exhibe o museu de Madrid¹. Recorrendo a uma bem conhecida² para termo de comparação, vê-se que dos seus elementos constitucionaes (fig. 1.^a) a fivela não tem o arco semicircular *c*, nem a goteira *d* para descanso do alfinete *a*; e que, á parte a comunidade de um aro *b*, a divergencia é fundamental.

Quando no estudo das fibulas se consideram, para o effeito da classificação, pormenores de apparencia bem secundaria como a fórma e secção do arco, a natureza e a modalidade da sua ornamentação, o comprimento do pé e os correlativos appendices decorativos, o numero das

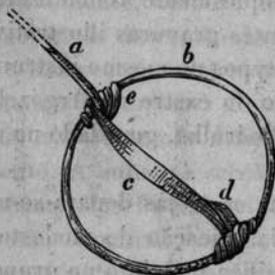


Fig. 1.^a — Fibula annular hispanica



Fig. 2.^a — Fivela de Sabroso

espiras da mola e outras similares minucias que determinam agrupamentos typologicos, definem procedencias e precisam epochas; não é de certo licito menosprezar um trecho architectonico, nitidamente differencial, e estatuir a equiparação intima unicamente pela conformidade eschematica de um orgão.

Mas será realmente a fivela castreja uma fibula, de feição local?

A tecnologia classica agrupou, é certo, num geral appellativo scientifico as fivelas, os alfinetes de segurança, os broches multiformes e diversos instrumentos archaicos, que prestavam serviços genericamente parallelos e tinham o fusilhão como elemento impreterivel do

¹ Juan Rubio de la Serna, *Noticia de una necrópolis anteromana*, Madrid, lamina x, fig. 8.^a; G. Bonsor, *Les colonies agricoles pré-romaines de la vallée du Bétis*, Paris, 1899, pag. 82, fig. 9.^a; A. Engel, *Nouvelles et correspondances*, Paris, 1896, pag. 21; *Revue Archéologique*, 4^e série, tom. II, pag. 414.

² G. Bonsor, *ob. cit.*

seu organismo: abrangeu-os a todos sob o termo de *fibula* ou *fibla*¹. Mas, como na amplíssima latitude do vocabulo iam sub-grupos característicos e bem distinctos—um d'elles muito denso e salientemente interessante, começou modernamente a applicar-se a este em especial o nome generico. Por isso a fivela vulgar, estranha na verdade á serie assim appellada em acceção restricta, passou a ter, no conceito de muitos archeologos, localizaçãõ privativa com rotulo especial. S. Reinach², V. Gross³, e mais antiquarios de não menor autoridade scientifica, procederam nessa conformidade, apartando as duas classes de objectos em trabalhos de muito saber. E no museu madrileno, onde o abundante material exposto na secção dos alfinetes de segurança não tem por emquanto discriminação rigorosa, tambem as separaram, acaso sob a mesma orientação scientifica⁴.



Fig. 3.ª

Fivela de Sabroso



Fig. 4.ª — Fivela de Briteiros

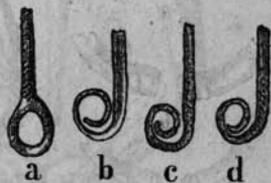


Fig. 5.ª — Cabeças do fusilhão

Na realidade a fibula, no sentido limitado em que é hoje tomada usualmente a palavra, distancia-se, debaixo de multiplos aspectos, da fivela castreja, cuja construcção comporta apenas duas peças fundamentaes—o aro roliço, raro parallelogrammico, frequentemente de espessura variavel dentro do mesmo especime, liso, ora fechado, ora interrompendo-se num ponto da circumferencia em soluçãõ breve de continuidade; e o *fusilhão* em geral rombo e espesso, atravessando diametralmente o aro e abraçando-o por um lado com um anel ou com espira singela, que lhe não tolhem mobilidade ampla (fig. 2.ª a 5.ª, 8.ª e 9.ª).

¹ Daremberg et Saglio, *Dictionnaire des antiquités grecques et romaines*, Paris, 1896, t. II, s. v. «fibula», por S. Reinach.

² In cit. *Dictionnaire*.

³ *La Tène*, Paris, 1886.

⁴ Sala IV, mostrador A.

Outra feição e maior complexidade de elementos tem a fibula normal:—*arco* geralmente semicircular, diversamente ornamentado, de secções multiplas e apparencias variabilissimas; *fusilhão* quasi sempre aciculado e de movimento mais restricto; *descanso* em goteira, em disco ou lamina, peça de consideração como uma das basilares para determinar a chronologia e proveniencia do instrumento; *pé* já curto, já alongado, segurando o descanso, e por vezes com appendices de adorno definindo civilizações; e *cabeça*, emfim, de variado desenho, ligando-se ao fusilhão mediante *charneira* ou *espiraes* uni- e bilateraes.

A fivela não nos impressiona como objecto de enfeite pessoal, que é a faceta predominante do archaico alfinete de segurança. As dos castros caracterizam-se até na pluralidade dos casos pela physionomia pesada e grosseira e pela extrema modestia ornamental. Sem desconhecer que as nossas fibulas tambem não se notabilizam ordinariamente pela

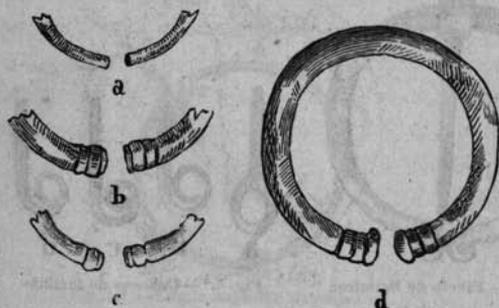


Fig. 6.ª — Ornamentação dos aros
a e b (Sabroso) e c e d (Briteiros)



Fig. 7.ª — Ornamentação
do aro (Briteiros)

exuberancia das decorações — tão frequentes e não raro apparatusas nos similes exóticos — inferiorizando-se até em confronto num grau consideravel, ha todavia que reconhecer nas fivelas maior indigencia de adornos. Os ornatos, quando existem, localizam-se de preferencia nos pontos de interrupção do aro¹. As duas extremidades livres nem sempre se exhibem nuas e singêlas (fig. 2.ª e 6.ª a); ás vezes apresentam sulcos circulares, parallelos, e botões terminaes, semi-esphericos (fig. 6.ª, b, c e d); uma ou ambas encurvam-se para fora em gan-

¹ Em alguns exemplares expostos no museu de Madrid os proprios aros são decorados com aneis, sulcos, linhas pontuadas e cheias, etc. Do Norte de Portugal só conheço um exemplar, ornamentado no aro com um sulco helicoidal: está no museu de Bragança e provém de um castro de Mirandella (informação de Albiño Lopo).

chos, em breves arcos de circulo (fig. 11.^a a), em espiraes (fig. 3.^a, 4.^a e 10.^a a); ora encostando-se ao aro pelo lado externo, ora sem contacto; quando em equilibrada harmonia e correcta equivalencia, quando sob fórmas e em posições asymetricas; quer adelgaçando até ao extremo, quer finalizando em botões conicos (fig. 7.^a, 8.^a e 9.^a) ou cylindricos com sulcos paralelos (fig. 10.^a, b e c e 11.^a, b) ou hemisphericos, antecedidos de aneis alternantes com sulcos (fig. 11.^a, c). E não ultrapassam muito mais tão discreta simplicidade decorativa. Mas a par d'estas caracteristicas differenciaes cumpre realçar outras registraveis.

A persistencia modelar, notavel já na fibula castreja, mais se accentua na fivela, cujos dois unicos typos, de aro fechado e interrompido, se reproduzem monotonos—dos castros preromanos nas civdades e castros romanizados, d'estes em estações de fundação romana.

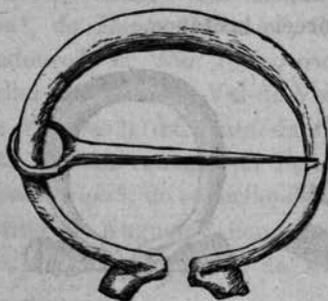


Fig. 8.^a — Fivela da Figueira da Foz (Pedrulha)



Fig. 9.^a — Fivela de Conimbriga



Fig. 10.^a — Ornamentação do aro (Sabroso)

Sob o informe erudito de archeographos autorizados a respeito de exemplares romanos, inteiramente identicos aos nossos¹, deve tambem attribuir-se aos dois sub-grupos privativo emprego incommutavel: a fibula, para habitualmente² acolchetar, vá o termo, diversas peças do vestuario masculino e feminino, assim na Grecia e na Italia — o *peplos*,

¹ S. Reinach, in *Dictionnaire* cit. Cfr. A. Rich, *Dictionnaire des antiquités grecques et romaines*, s. v. «fibula», 3.

² S. Reinach, in *loc. cit.*, opina que algumas fibulas, pesadas e de grandes dimensões, poderiam servir para sustentar cortinados ou tapeçarias.

chiton, chlaena, palla, palladium, sagum, palludamentum; a fivela, para apertar cintos, cinturões, correias, arreios de cavallos, as *taeniae vittae* dos cabellos e objectos similares. O uso attribuido a esta ultima justifica-se parcialmente na Lusitania pelas escassas indicações ethnographicas de Strabo, e até pelo exame da grosseira estatuaria archaica do Norte.

Os Lusitanos, informa o celebre historiador grego, serviam-se de um escudo pequeno, sem braçadeiras, que traziam suspenso do pescoço por duas *correias*. Nas suas unidades militares, refere ainda, entrava a *cavallaria*¹.

A inspecção directa dos minguados especimes da escultura lusa ou callaico-romana confirma o porte da alludida arma defensiva; bem assim comprova o de um *cinturão* de que pende uma adaga larga². É, pois, bem de presumir que desde os tempos pre-estrabonianos fosse aqui usada a fivela circular pelo menos nas correias do escudo, no cinturão dos guerreiros, nos arreios dos corceis lusitanos.



Fig. 11.ª — Ornamentação do aro (Bríteiros)

De resto a notada diversidade de utilização pratica das duas series de instrumentos explica em certa medida a parcimoniosa decoração da fivela e a mais longa continuidade dos typos primitivos. Com patente função secundaria, mais facilmente se subtrahiu ás oscillações da moda que em todas as epochas, no empenho de lisonjear vãs ostentações e de marcar superioridades sociaes e politicas, rebuscou nos perennes recursos da arte e da fantasia novas fórmas e combinações architectonicas para transmutar successivamente a fibula. O evolver consequente da morphologia do alfinete de segurança forneceu indicadores chronologicos, por onde é possivel com relativa segurança e approximação datar depositos e estratos archeologicos.

¹ *Geographia*, liv. III, cap. 3.º e 4.º

² *Portugalia*, t. 1, pag. 832, «O Basto», artigo de Rocha Peixoto; e a vasta e completa bibliographia por elle citada em notas.

Á fivela circular ainda não foi até agora reconhecido igual predicado prestimoso; não tem sido «...un peu comme un coquillage-type dans l'étude de la paléontologie».

Definido o perfil e o caracter peculiar do instrumento em estudo e localizado convenientemente dentro da archeographia nacional, resta indicar os pontos conhecidos da sua dispersão chorographica ao norte do país e estabelecer os dados do problema da sua procedencia.

O restricto espolio de Sabroso, castro limpo de romanização no sentir geral, enriqueceu o museu de Guimarães com doze exemplares da fivela; o da citania de Briteiros com vinte e dois: são de bronze e na maioria acham-se obliterados e desprovidos do fusilhão. Conhecem-se varios especimes de outras estações com accentuada influencia romana: assim—dos castros de *Mouros*, freguesia de Villar de Mouros¹, do *Monte Redondo*², do *Prejal*, sitio de Castello Branco, Mogadouro³, de *Rio Torto*, concelho de Valle Passos⁴, de *Ázere*, concelho de Arcos-de-Val-do-Vez⁵; das grutas de S.^{to} Adrião, pedreiras de Vimioso⁶; da gruta da Cabeça da Ministra, Alcobaça⁷; da estação lusitano-romana da Pedrulha, concelho da Figueira da Foz⁸, de *Conimbriga*⁹; do concelho de Castello-Branco¹⁰; dos castros de *Cocolha*, termo de Augueira, concelho de Vimioso, e de *S. Jusenda*, termo de Valle-Prados, concelho de Mirandella¹¹; etc.,¹².

¹ Quatro exemplares no museu de Guimarães.

² Exploração inedita de Albano Bellino.

³ Informação particular do Rev.^{to} José Augusto Tavares.

⁴ *Portvgalia*, t. 1, «Instrumentos de bronze», por Henrique Botelho, pag. 827, fig. 8.^a

⁵ *O Archeologo Português*, t. 1, «Castello de S. Miguel-o-Anjo», por F. Alves Pereira, pag. 167, fig. 2.^a, n.º 22.

⁶ J. F. Nery Delgado, «Reconhecimento scientifico dos jazigos de marmore e alabastro de Santo Adrião», in *Comunicações da Comissão dos Trabalhos Geologicos de Portugal*, tom. II, fase. 1, pl. III, fig. 22.

⁷ *Portvgalia*, t. 1, «Grutas de Alcobaça», por M. Vieira Natividade, est. XXIV, fig. 203.

⁸ No museu da Figueira da Foz.

⁹ Archivados no museu do Instituto de Coimbra.

¹⁰ Informação de F. Tavares Proença.

¹¹ Informações do capitão Albino Lopo.

¹² D. José Villa-Amil y Castro tambem descreve uma fivela de aró interrompido, encontrada por elle na «Croa» de Riotorto, Galliza: É inteiramente semelhante ás nossas. Vid. «Armas, utensilios y adornos de bronce recogidos en Galicia», in *Museo de antiguedades españolas*, t. IV, pag. 66.

Fundamentalmente mantêm todos parallelismo concordante, como calcos dos mesmos moldes. Limitada, pois, a observação ao caso nacional, poder-se-hia concluir talvez que a fivela foi invento de metalurgia lusitana. Mas os modelos colligidos em Portugal não diversificam dos archivados no museu madrileno, nem divergem dos italicos com que se illustram publicações didacticas¹: em todos, indigenas e exoticos, nota-se a mesma typologia e até frequentemente identidade de minucias de decoração nos extremos soltos do aro. É, pois, inapplicavel como explicação do facto — o principio de que a mesma necessidade determinou a invenção de instrumento igual em pontos afastados do mundo antigo.

A complicar a solução do problema das procedencias surge no *oppidum* helvetico da Tène (Tène II) o simile de um dos nossos typos da fivela, o de aro fechado, que Victor Gross² não hesita em appellar — *boucle à ardillon mobile*, e em exhibir como o mais antigo modelo de *fivela com fusilhão*³.

E na França o outro typo de aro interrompido, alem de apparecer em jazidas gallo-romanas, encontrou-se em uma sepultura de feição puramente gauleza, do seculo IV antes de J. C.; junto do esqueleto haviam sido depositados uns arreios de cavallo, uma espora, contas de vidro azul mosqueadas de amarello e uma fibula da Tène I⁴. Ante as ponderadas circumstancias limito-me a pôr aqui as illações mais proximas e seguras, rigorosamente emergentes dos elementos apurados; são apenas estas:

— que a fivela circular não veio para a Lusitania com o legionario invasor; já era usada antecedentemente á conquista romana;

— que no entanto não foi invenção da industria indigena; pertencia á civilização primitiva de outros povos, que verosivelmente a não importaram de cá.

Producto da industria celtica ou romana, não me proponho agora dilucidar-lhe a ethnogenia obscura.

Originaria da cultura celtica, não admiraria se introduzisse nos povoados castrejos, mesmo negandó a estes a celtização em tempos pre-

¹ Daremberg, *Dictionnaire* cit., fig. 3029.

² *Ob. cit.*, pl. 8, n.º 10.

³ Na segunda idade de ferro dos paeses escandinavos, no periodo comprehendido entre a era christã e o seculo II, usou-se uma fivela de bronze, typo de aro fechado; differê da nossa apenas em o aro não ser inteiramente circular. O. Montelius, *Les temps préhistoriques en Suède*, Paris, 1895, pl. XVI, fig. 5.^a

⁴ *Album Caranda*, por Frédéric Moreau, 1^{re} partie, pl. S, fig. 13 — cit. de M. J. Déchelette.

ou protohistoricos: os typos industriaes da Tène alastraram para fora da vasta area geographica, que sem contestação é attribuida aos povos propriamente celticos.

Oriunda da civilização romana, como poderá tambem dizer-se do typo de aro interrompido, precederia os conquistadores pelo phenomeno sociologico de infiltração já averignado para outros casos.

E provinda de uma ou de outra, acaso de uma diferente derivação ainda ignota, a verdade é que a fivela se fixou e perdeu, immobilizada nas suas linhas, até pelo menos ao seculo IV depois de J. C. Se posteriormente ainda subsistiu, é por emquanto impossivel asseverá-lo; apenas pode conjecturar-se que, se persistiu para áquem das invasões nordicas, seria apenas como mera sobrevivencia, porque os barbaros não usavam, segundo parece, similares typos de fivela¹.

Dezembro de 1903.

JOSÉ FORTES.

A cava de Viriato

A personalidade de Viriato, heroe lusitano de quem L. Floro disse que podia ter sido *Hispaniae Romulus* «o Romulo da Hispania»², e a quem Estrabão chamou simplesmente *ληστής* «salteador»³, tem sido varias vezes thema de trabalhos especiaes, tanto artisticos como scientificos.

Por vicissitudes da sorte, o nome d'este heroe ligou-se á celebre Cava de Visen. É evidente que a relacionação de Viriato com a Cava é moderna, como já ponderou Borges de Figueiredo⁴; nem mesmo a palavra *Viriato*⁵ pertence á linguagem popular propriamente dita: se lhe pertencesse desde as origens, devia ter outra fôrma muito diversa da que tem. São cousas sabidas e claras, em que não é preciso insistir.

¹ Cfr. M. C. Barrière-Flavy, *Les arts industriels des peuples barbares de la Gaule du v^{me} au v^{me} siècle*, Paris, 1901. É comtudo interessante notar que, no periodo VIII (800-1050 de J. C.) da idade de ferro, nos paises escandinavos apparece um typo de bronze, muito ornamentado, da fivela de aro interrompido; afora os labores, o esboço geral é o mesmo dos nossos modelos. Vid. O. Montelius, *ob. cit.*, pl. xx, fig. 7.^a

² *Epit. rer. Rom.*, II, xvii.

³ *Geogr.*, III, iv, 5.

⁴ *Revista Archeologica*, iv, 29.

⁵ Quanto a mim, é erro escrever *Viriatho*, com *h*, como já mostrei n-*O Arch. Port.*, II, 23-24; como porém, por fatalidade, quasi nunca as boas razões calam no animo do publico, ha quem continue a escrever assim: vid., por exemplo, o recente livro do Sr. Theophilo Braga, intitulado *Viriatho*.